
Análise da cobertura da crise climática em três cidades da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul¹

Micael dos Santos OLEGÁRIO²

Cassiano Ireno BATTISTI³

Giovanna Vitória Rodrigues PEREIRA⁴

Maicon Schlosser MENDES⁵

Sara Alves FEITOSA⁶

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

Resumo

Este trabalho surgiu no componente curricular de Jornalismo Científico do curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, com o objetivo de analisar a cobertura jornalística da crise climática em três cidades da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul: São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Na análise, buscou-se a correlação entre as temáticas de jornalismo científico (BUENO, 1985; BERTOLLI FILHO, 2006) e jornalismo ambiental (BELMONTE, 2017; LOOSE, 2021), como alternativas para produção de conteúdos aprofundados sobre a crise climática. A metodologia adotada no estudo foi a Análise de Conteúdo (2002). Como resultados, percebeu-se a carência de editoriais voltadas para a temática ambiental e a ausência do uso das práticas de jornalismo especializado (ABIAHY, 2005) nas redações das empresas jornalísticas.

Palavras-chave

Crise climática; cobertura jornalística; jornalismo científico; jornalismo de interior.

¹ Trabalho submetido no Intercom Júnior 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação - Jornalismo, do evento 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Orientando de iniciação científica junto ao Grupo de Pesquisa Diálogos do Pampa (Unipampa/CNPq). E-mail: micaelolegario12@gmail.com

³ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Orientando de iniciação científica junto ao projeto de pesquisa “A perspectiva hedonista no cinema: beleza, prazer e outros enfoques em narrativas clássicas e contemporâneas”. E-mail: cassianobattisti8@gmail.com

⁴ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: gioovitoria08@gmail.com

⁵ Graduando de Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: maiconmendes.aluno@unipampa.edu.br

⁶ Professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS). email: sarafeitosa@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

Nos últimos três anos, 2021, 2022 e 2023, o Rio Grande do Sul enfrentou uma sequência de ondas de calor e estiagens que afetaram a economia e a vida das pessoas. Um dos fatores apontados por especialistas para explicar a extremidade do clima é o chamado fenômeno La Niña. Ainda assim, as raízes da estiagem e das ondas de calor sentidas fortemente na Fronteira Oeste do estado, estão relacionadas com uma esfera maior e com fatores que envolvem a ação humana.

O último relatório divulgado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)⁷ em março de 2023 aponta que as atividades humanas causaram o aumento da temperatura global em 1,1°C, em uma comparação entre os anos de 1850 a 1900 e 2011 a 2020. O documento também alerta para uma série de riscos para a vida no planeta caso não sejam tomadas medidas para mitigar os efeitos da crise climática. O relatório indica que existe mais de 50% de chance da temperatura aumentar 1,5°C entre 2021 e 2040. As consequências disso seriam sentidas em todas as esferas da sociedade e em diferentes locais do planeta, alguns exemplos são a perda de diversidade e a extinção de diversas espécies de animais; secas e estiagens cada vez mais severas; dificuldades na produção de alimentos e insegurança nutricional da população; aumento no número de incêndios e calor extremo; além do aumento do nível do mar, derretimento de geleiras e inundações.

A formulação de políticas públicas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas são essenciais e urgentes, do mesmo modo, a informação e o conhecimento por parte da população sobre essa crise é um dos elementos chave para popularizar e fomentar o debate sobre as ações humanas na natureza, além de ser, obviamente, um direito assegurado pela cidadania de todas as pessoas.

A divulgação científica (DC) sobre a crise climática é, neste contexto, indispensável para a esfera pública e democrática da sociedade. A DC pode ser definida como a disseminação de informações sobre ciência para públicos amplos, ou seja, para fora dos meios científicos e acadêmicos, com a finalidade de democratizar o acesso ao conhecimento e de estimular a alfabetização científica. Bueno (1985) elenca o

⁷ Disponível em: <https://report.ipcc.ch/ar6syr/pdf/IPCC_AR6_SYR_SPM.pdf>. Acesso em 2 de maio de 2023.

jornalismo científico como uma das possibilidades de divulgação científica, seguindo os critérios e as características de produção jornalística.

O jornalismo científico serviria neste caso, como uma alternativa para tornar um tema complexo como a crise climática e seus efeitos, em algo de fácil acesso e compreensão pela população. No Brasil e no Rio Grande do Sul são poucos os exemplos desse tipo de jornalismo sendo praticado e/ou ensinado em cursos de graduação. Por isso, a presente investigação tem como objetivo analisar como as mídias jornalísticas de três cidades da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul: São Borja, Itaqui e Uruguaiana, fazem a cobertura da crise climática.

Este trabalho foi desenvolvido por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), como parte do componente curricular optativo de Jornalismo Científico. A escolha das cidades e dos meios analisados levam em consideração o fator da proximidade, importante valor-notícia (TRAQUINA, 2004; GADINI, 2007), em especial, para o jornalismo regional, fora dos grandes centros urbanos (REIS, 2018). Além disso, possuem critérios técnicos e temporais qualitativos que serão abordados no segundo tópico do texto. Em um primeiro momento, o texto aprofunda a definição e as características do jornalismo científico e também do jornalismo ambiental e as possibilidades de aplicação diante da crise climática.

JORNALISMO CIENTÍFICO E A CRISE CLIMÁTICA

Ao descrever o jornalismo científico como uma das categorias possíveis de divulgação científica, Bueno (1985) elenca algumas funções desse tipo de produção, são elas: informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica. Em geral, tais funções não diferem muito do que já é tradicional no jornalismo, apesar disso, ao tratar do ponto de vista educativo, por exemplo, o jornalismo científico assume ainda mais responsabilidade com as expectativas coletivas e individuais, uma vez que, possui papel chave no estímulo à cidadania das pessoas.

A função social do jornalismo científico manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Ela prevê o debate dos temas de ciência e tecnologia à luz das aspirações da sociedade e faz coincidir os interesses com os objetivos da produção e divulgação científica. Está associada ao processo de humanização da ciência e

responde pela intermediação entre a ciência (e o cientista) e a sociedade (BUENO, 1985, p.1425).

O papel de mediação exercido pelo jornalista em relação aos cientistas não pode, no entanto, ser confundido com um serviço de assessoria de comunicação. Ao tratar da ciência, é preciso que o jornalista tenha uma postura crítica e desmistifique a ideia de neutralidade científica, estando atento a conflitos de interesse e fatores econômicos que influenciam na produção do conhecimento científico (BUENO, 1985).

Ao produzir conteúdos de jornalismo científico, faz-se necessário ter atenção com o entendimento do público, ou seja, significa simplificar e facilitar a leitura de temas complexos, sem, por outro lado, subestimar o leitor ou fazer comparações que se distanciam das pesquisas e as banalizem. O analfabetismo científico pode ser um dos principais empecilhos para os jornalistas que trabalham com ciência, justamente, por isso, os textos devem prezar por uma linguagem “que torna fluida a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado” (BERTOLLI FILHO, 2006, p.3)

Bertolli Filho (2006) também elenca alguns critérios que podem ser utilizados para a divulgação de matérias de jornalismo científico: senso de oportunidade, *timing*, impacto, significado, pioneirismo, interesse humano, personagens célebres ou de ampla exposição na mídia, proximidade, variedade e equilíbrio, conflito, necessidade de sobrevivência, necessidades culturais, necessidade de conhecimento. Cumpre também destacar que, a ciência, não se restringe às áreas mais positivistas do conhecimento, sendo necessário um olhar jornalístico e cobertura também para o que é produzido no campo das ciências humanas e ciências sociais aplicadas (BERTOLLI FILHO, 2006).

O jornalismo científico também possui um importante papel no aprofundamento e interpretação de conteúdos complexos, caracterizando-se como uma das formas de jornalismo especializado. De acordo com Abiahy (2005), as matérias especializadas buscam preencher uma lacuna deixada pela compressão feita dos acontecimentos nas notícias factuais. “A própria visão de mundo dos públicos diferenciados encontra no jornalismo especializado a oportunidade de ser evidenciada” (ABIAHY, 2005, p.26). Essas produções também colaboram para uma maior democratização e apresentação de diferentes assuntos, dinâmicas e transformações da vida em sociedade.

A relevância do jornalismo científico também se evidencia à medida que as inovações científicas e tecnológicas ganham dimensões maiores no cotidiano das pessoas, interferindo a forma como elas se comunicam, com aplicativos de mensagens instantâneas, e também buscam informações, sendo um dos exemplos mais recentes o uso da inteligência artificial da OpenAI, do ChatGPT.

Por outro lado, a preocupação com a vida das pessoas relaciona o jornalismo científico com a questão da crise climática e do trabalho jornalístico de cobertura sobre os efeitos, causas e consequências desse fenômeno, causado pela ação humana e que interfere na vida em todo o planeta. Belmonte (2017) explica que, é a partir da especialização voltada para as questões da ciência, que surge também o jornalismo ambiental, vinculado ao crescimento do ativismo ecológico.

Ecologia e crise climática são dois pontos chaves para o jornalismo ambiental contemporâneo e não podem estar dissociadas de outras questões sociais que envolvem pensar nas relações de poder e na colonialidade presente no modelo de sociedade vigente (LOOSE, 2021). Romper com o habitar colonial que se baseia na visão da natureza como fonte de recursos a ser explorado é outro ponto essencial ao pensar na forma de lidar com a crise climática, conforme explica Ferdinan (2022):

Ao reconhecer que colonizações, racismos e discriminações de gênero são também maneiras de habitar a Terra, são relações paisagísticas, são forças geológicas no coração da crise ecológica, o questionamento da fratura colonial torna-se a questão fundamental da luta ecologista (FERDINAN, 2022, p.201).

Apontar a questão colonial como raiz do problema das mudanças climáticas é um dos aspectos para que o jornalismo ambiental cumpra com seu papel, pois “se vivemos hoje o colapso do clima é porque a humanidade ainda ignora os danos intrínsecos ao modo de vida dominante, insustentável em todos os sentidos possíveis (LOOSE, 2021 p.13). O comprometimento do jornalista com a vida e com uma visão ecológica é o que diferencia o jornalismo sobre ou de meio ambiente do jornalismo ambiental, que ouve cientistas e personagens locais, dos países do Sul global para contextualizar o porquê de chuvas intensas, secas e ondas de calor extremo (LOOSE, 2021). É essa visão, alinhada com as características, funções e definições acerca do jornalismo científico e ambiental que serviram de base para a análise dos meios jornalísticos investigados.

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Considerando o contexto local e regional, bem como as limitações de tempo da pesquisa, desenvolvida no período de um semestre letivo do curso de Jornalismo, decidiu-se realizar alguns recortes a fim de lapidar o objeto de pesquisa para análise. Inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória em portais da web das mídias jornalísticas de referência e alternativas das cidades de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. A escolha das cidades se deu pelo critério de proximidade com a realidade dos pesquisadores e da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

A pesquisa exploratória é, segundo Bonin (2011), o caminho para melhor compreender o problema a ser investigado e uma maneira de experimentar e visualizar quais caminhos podem servir para atender a demanda dos objetos empíricos e construir a metodologia para uma pesquisa. Na presente investigação, a pesquisa exploratória teve como foco buscar dados sobre a cobertura da crise climática nos meios de comunicação das cidades supracitadas, no ambiente virtual (site e redes sociais digitais).

A fim de identificar as significações, categorizar e classificar os resultados, optou-se pelo uso dos métodos da Análise de Conteúdo (AC). De acordo com Bardin (2002), a AC permite que o pesquisador escolha as técnicas que forem mais adequadas de modo a entender os objetivos das mensagens, para que se possam fazer inferências e interpretações. “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2002, p.38). Durante o processo de pesquisa, aplicou-se a AC com o objetivo de observar se havia conteúdos que retratam a crise climática com ou sem o uso de técnicas de jornalismo científico, nos principais meios jornalísticos de Itaqui, São Borja e Uruguaiana.

O período de análise escolhido foram os meses de Janeiro, Fevereiro, Novembro e Dezembro de 2022, a escolha pelo período se deu por serem meses mais propensos a temperaturas elevadas, as bolhas de calor na região ficam evidentes e o fenômeno da estiagem se apresenta com mais frequência.

A COBERTURA DA CRISE CLIMÁTICA EM TRÊS CIDADES DA FRONTEIRA OESTE

A fronteira oeste do Rio Grande do Sul sofre com o calor excessivo e a estiagem de forma constante, o que representa prejuízos na agricultura, pecuária e na vida das pessoas. Segundo o G1⁸, a estimativa de perdas nesses dois setores da economia passa de R\$ 12 bilhões em 2023, somente no Rio Grande do Sul. Mais que isso, as mudanças climáticas afetam a biodiversidade da fauna e flora local, bem como a saúde e qualidade de vida das pessoas, com uma ênfase ainda maior sobre os setores mais vulneráveis da população, como aponta Loose (2021, p.24), “os riscos climáticos podem afetar qualquer cidade e indivíduo, mas a maneira como cada um reage e/ou pode enfrentar uma situação causada por um evento extremo depende bastante das condições, sobretudo socioeconômicas, disponíveis”. Por isso, torna-se vital analisar o modo como o jornalismo amplifica ou oculta as causas e efeitos das mudanças climáticas.

Na cobertura jornalística na *web* nas cidades de Uruguaiana, São Borja e Itaqui, foi possível observar que não houve esforços de contextualização sobre o tema das mudanças climáticas, o que já configura uma falha do ponto de vista do jornalismo ambiental e científico, uma vez que, “a crise climática não pode ser observada desvinculada do contexto histórico provocador de seus efeitos” (LOOSE, 2021, 13). Através da pesquisa, constatou-se que a maioria das notícias apenas apresenta aspectos fatuais, ou seja, trata de um incêndio decorrente da seca, da estiagem, das ondas de calor, dos níveis do rio, mas sem associar tais acontecimentos com o fenômeno das mudanças climáticas, o que Loose (2021) afirma ser comum em meios hegemônicos e que pode ocorrer até mesmo em mídias independentes com foco na questão ambiental.

No quadro a seguir estão os dados que reunimos sobre a cobertura jornalística de Itaqui:

Quadro 1: Cobertura dos portais jornalísticos de Itaqui em relação aos impactos climáticos.

⁸ Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/02/23/estimativa-de-perdas-na-agricultura-e-pecuaria-no-rs-por-cao-da-estiagem-passa-de-r-12-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 27/05/2023.

Empresa de mídia	Meios de comunicação atualizados	Quantidade de publicações do período analisado relacionadas à temática
Jornal Folha de Itaquí	Facebook	7
Rádio Liberdade	Facebook e Instagram	37
Rádio Cruzeiro do Sul	Facebook e Instagram	0
Rádio Pitangueira	Instagram	1
Rádio Portal	Facebook	0
Rádio Ativa	Facebook	2
Rádio Verônica	Todos desatualizados	0

Fonte: criado pelos autores.

A cobertura nas empresas jornalísticas de Itaquí foca muito na previsão de ondas de calor, incêndios decorrentes da estiagem e sobre os níveis do mar. Não há normalmente uma explicação sobre os fenômenos e suas causas, como no seguinte exemplo:

Figura 1 - Índices de altura do Rio Uruguai em diferentes regiões da fronteira.



Jornal Folha de Itaquí

8 de nov. de 2022 · 🌐



Altura do Rio Uruguai no dia 08/11/2022

- San Javier 2,00B
- Puerto Concepcion 2,70B
- Garruchos 2,58B
- SÃO BORJA – Santo Tomé 4,18B
- ITAQUI – Alvear 3,48E
- La Cruz 3,54E
- SÃO MARCOS – Yapeyú 3,30B
- URUGUAIANA – Paso de Los Libres 3,14B
- Bompland SEM ESCALA
- BARRA DO QUARAÍ – Monte Caseros 2,97C

Legenda: B = Baixa | C = Cresce | E = Estacionado
Medição do rio em METROS

Fonte: Prefectura Naval Argentina



Fonte: print da página do Facebook feito pelos autores.

A publicação não apresenta esclarecimentos em relação às razões para tais níveis do Rio Uruguai. Dessa forma, a informação fica comprometida, não atendendo aos pressupostos de Abiahy (2005) ao se produzir um jornalismo mais especializado: “Somente a rapidez e a quantidade de notícias não parece um modo satisfatório de atrair o receptor, pois agora é necessário que essa informação tenha uma identidade” (2005, p. 24-25). Para a autora, a contextualização do fato é importante para o aprofundamento e fidelização do público.

Em São Borja a cobertura jornalística é melhor abordada quando se trata dos temas de mudanças climáticas e estiagem, mas isso se deve sobretudo às produções feitas na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) de São Borja, onde existe o curso bacharelado de Jornalismo e as agências de notícias da própria Universidade. Observamos que duas reportagens, uma da i4 Agência Experimental de Jornalismo e outra do Pampa News, webtelejornal da Unipampa, trazem uma melhor abordagem. Na

Agência de Notícias i4 a reportagem sobre estiagem⁹ é bem contextualizada, trazendo as razões dos longos períodos de seca na região, a relação disso com o fenômeno La Niña e com a crise climática. Na reportagem do Pampa News¹⁰ são mostrados os casos de incêndios na região da fronteira oeste e suas principais razões. Segundo a reportagem, essas principais razões seriam o clima seco e as ações humanas. Como a reportagem se trata de um vídeo para webtelejornal, que precisa ser mais curto e conciso, não há uma maior contextualização sobre as relações da crise climática com os fenômenos de seca e focos de incêndio.

Entretanto, no restante dos portais jornalísticos da cidade verificou-se que não há uma boa contextualização dos temas, além de ter muitos conteúdos copiados de outras empresas de mídia. O site SB News não produz muitos conteúdos próprios em texto, apenas vídeos e fotos. Ao menos, na maioria das vezes, o site SB News referencia de quem pegou o texto.

Figura 2 - Matéria sobre os incêndios em Corrientes, na Argentina.



Fonte: print do site SB News feito pelos autores.

⁹ Disponível em:

<https://sites.google.com/view/i4plataformadenotcias/jornalismo/reportagem-i4?authuser=0#h.87cer4cbmi.vj>. Acesso em: 01/06/2023.

¹⁰ Disponível em:

https://www.facebook.com/PampaNewsUnipampa/videos/218984627108871/?locale=pt_BR. Acesso em: 01/06/2023.

Já em Uruguiana um dos portais com mais visibilidade, ClicCidade Uruguiana, com frequência faz a veiculação de notícias de outros sites sem citar a fonte. Além disso, muitas vezes possui um discurso sensacionalista e falta de ética na divulgação de imagens. Por jornalismo sensacionalista, Pedroso o entende

[...] como modo de produção discursiva da informação da atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social (PEDROSO, 2001, p. 52)

Nessa perspectiva, podemos citar o uso de imagens com sangue nas coberturas de ClicCidade Uruguiana e da Rádio Liberdade de Itaqui. O sangue é um elemento usado para despertar emoções na audiência e reter na memória das pessoas. Por preceitos éticos e óbvios não veicularemos às imagens nesta pesquisa.

Quando a ética jornalística é ignorada na cobertura de violência, isso leva a uma exploração alarmista do medo e impede o público de realmente entender os problemas sociais, em vez disso, proporcionando uma visão superficial baseada em sensações da realidade (MATHEUS, 2011). No portal ClicCidade Uruguiana há o uso de imagens com sangue, o que corrobora para a ideia da autora da falta de ética ao explorar esses elementos alarmistas. Ainda que o portal não siga padrões éticos do jornalismo profissional, a pauta do calor e dos efeitos na sociedade parecem estar presentes na linha editorial da empresa.

Os conteúdos com relação às mudanças climáticas de São Borja e Uruguiana também foram contabilizados, mas suprimimos os quadros devido às limitações de espaço deste artigo. Em Uruguiana foram contabilizadas 36 publicações com relação às mudanças e impactos do clima, sendo 14 do Jornal Cidade, 2 da Rádio Charrua e 20 do portal ClicCidade Uruguiana. Nos portais de São Borja foram contabilizados 167, sendo 63 publicações do Portal Fronteiriço, 59 do site SB News, e uma produção para cada um dos projetos i4 Agência de Notícias e Pampa News da Unipampa. Em Itaqui, como exposto anteriormente em quadro, somamos 47 conteúdos com relação à temática.

Considerando os dados, percebe-se que em São Borja há mais produções jornalísticas sobre os impactos climáticos, uma vez que o município ao possuir curso de graduação em Jornalismo, acaba tendo mão de obra mais qualificada nos portais.

Entretanto, mesmo que haja uma maior produção em São Borja, não se trata de uma cobertura que faça jus à demanda da região em relação às informações da temática, visto que os impactos na região da Fronteira Oeste são mais significativos do que em locais com maior cobertura, como em Porto Alegre, por exemplo. Em Itaquí e Uruguaiana observamos ter menos informações ainda, o que coloca os três municípios em um cenário de quase-deserto de notícias.

Em termos de Análise de Conteúdo (AC), é possível inferir que as mensagens destes conteúdos apenas abordam aspectos factuais e não visam a produção de sentidos associados com os pressupostos do jornalismo científico ou ambiental, o que caracteriza a produção jornalística sobre o tema como extremamente escassa, a ponto de se assemelhar com o cenário de quase-deserto de notícias.

O CENÁRIO DE QUASE-DESERTO DE NOTÍCIAS

Por deserto de notícias, referimo-nos a locais sem uma cobertura jornalística própria, que seria aquela que realiza todas as etapas da produção noticiosa: coleta, apuração dos fatos e produção da notícia (FURLANETTO, 2021). Por isso, podemos dizer que embora as cidades analisadas possuam veículos de notícia, estes na sua grande maioria apenas reproduzem conteúdos de outros portais, sem a contextualização necessária e sem foco na produção de informação local. Além disso, muitos destes portais não possuem profissionais com formação acadêmica, muitos menos especialização ou familiaridade com as áreas de jornalismo científico e ambiental, o que dificulta que uma cobertura adequada seja feita.

Nesse sentido, quem sai perdendo é a população destes municípios. Sem informação de qualidade, contextualizada e com profundidade, o que se vê publicado em grande parte dos portais são notícias que apenas trazem os fatos, como o aumento do nível do rio ou o ocorrência de um incêndio florestal, sem que, no entanto, sejam apontadas as causas e as consequências de tais acontecimentos. No lado oposto dos desertos de notícias, há os grandes centros urbanos, com seus veículos de comunicação profissionais e especializados, nas quais as coberturas costumam contar com informações precisas e contextualizadas pela fala de especialistas. Pois conforme aponta Jacqueline Deolindo (2018), a localização das indústrias de mídia historicamente

contempla, na sua grande maioria, cidades com qualidades demográficas, sociais, tecnológicas, econômicas e culturais próprias dos grandes centros urbanos, o que é um fator determinante na hora de se investir num negócio dessa magnitude.

Dessa forma, entendemos que os municípios aqui analisados embora não sejam categorizadas como desertos de notícias pelo Atlas da Notícia, projeto realizado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (PROJOR), que faz um levantamento sobre a presença ou ausência de jornais no interior do Brasil, eles não são capazes de oferecer um jornalismo qualificado e de nível profissional, com informações contextualizadas, com interesse local. Portanto, o cenário nestas cidades é de quase deserto de notícias, pela falta de cobertura adequada sobre os problemas ambientais presentes na região dos Pampas, além de não observarem, na maioria das vezes, os princípios éticos do jornalismo em algumas de suas publicações, conforme descrito no capítulo acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças climáticas são uma realidade que já é fortemente sentida em diversos lugares e por diversas pessoas, a exemplo, da população da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul com a estiagem. O jornalismo especializado deveria colaborar para dinâmicas de transformação da sociedade (ABIAHY, 2005), através, por exemplo, do jornalismo científico, o qual, segundo Bueno (1985) possui papel educativo, social e de responsabilidade coletiva com informações que permitam às pessoas o exercício da cidadania.

A presente investigação partiu de um questionamento de como o jornalismo local cumpria com tal papel de problematizar as mudanças climáticas, seguindo ou não pressupostos do jornalismo científico e ambiental. O objetivo central da pesquisa foi analisar como as mídias jornalísticas de três cidades da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul: São Borja, Itaqui e Uruguaiana, realizaram a cobertura da crise climática durante os meses de janeiro, fevereiro, novembro e dezembro de 2022 - meses de verão. O critério de seleção da amostra levou em consideração o fator local e de proximidade das cidades com os pesquisadores, fator este também importante para o jornalismo ambiental (LOOSE, 2021).

Para a análise, decidiu-se realizar uma pesquisa exploratória (BONIN, 2011) sobre os conteúdos relacionados ao tema da crise climática nas redes sociais digitais dos meios jornalísticos das três cidades e, posteriormente, realizou-se a análise do material com base nos pressupostos de Bardin (2002) sobre Análise de Conteúdo.

Como resultados, foi possível perceber que a ausência de contextualização das mudanças climáticas na cobertura local, uma vez que, as matérias limitam-se à factualidade e apresentação dos acontecimentos, sem problematizar as mensagens e os sentidos (BARDIN, 2002), portanto, sem seguir os pressupostos do jornalismo científico e ambiental. Além disso, constatou-se que, nos escassos casos em que algum lastro de contexto para a temática aparecia, a notícia em questão era copiada de outros meios de comunicação, por vezes sem citação da fonte original, o que configura um claro desvio dos princípios éticos do jornalismo.

O cenário de quase-deserto de notícias (FURLANETTO, 2021) que caracteriza a Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, bem como a falta de políticas públicas na área podem ajudar a explicar o cenário identificado na pesquisa. Destaca-se aqui o caráter limitado da investigação, realizada no âmbito da graduação e em um intervalo curto de tempo para um componente curricular, ainda assim, acredita-se que, os resultados apontados e o assunto abordado possam fomentar novas pesquisas sobre a temática ambiental e o jornalismo científico no interior, sendo uma pauta relevante no contexto local e regional.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Universidade Federal da Paraíba, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70. 2002.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC)**. 2006

BELMONTE, Roberto Villar, Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**. Vol.6, N°2/ jul/dez. 2017.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. Maldonado, Alberto Efendy, et.al. Porto Alegre, Sulina, 2011. p. 19-42.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v. 37, n.9, p. 1420-1427, 1985.

DEOLINDO, Jacqueline da Silva. **O deserto da notícia no interior do Brasil**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, 2018.

FURLANETTO, Anna Carolina Roque. **Desertos da Notícia e o Jornalismo no Interior: Uma Análise de seis cidades do interior da região sul**. 2021. Orientadora: Prof. Dr^a Alciane Nolibos Baccin. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Pampa, Curso de Jornalismo, 2021.

FERDINAN, M. **Uma ecologia decolonial: sair do porão**. _____. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 196-210.

GADINI, Sérgio Luiz. Em Busca de Uma Teoria Construcionista do Jornalismo Contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 33. Agosto 2007.

GOULART, Júlia Saldanha. Ciência na palma da mão: as revistas de jornalismo científico no Instagram. **Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Unipampa**. São Borja, 2022.

LOOSE, Eloísa Beling. Jornalismo e mudanças climáticas desde o sul: os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade. **Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2021. Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220347>>. Acesso em 28 maio de 2025

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: Maud X, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004

PEDROSO, Rosa Nívea. A construção do Discurso de sedução em um jornal sensacionalista. São Paulo: Annablume, 2001.

REIS, Thays Assunção. Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. **Estudos em Jornalismo e Mídia** v. 15 n. 1: Ethos, transformações e permanências. Santa Catarina, 2018.